

**NO BATER DA PALMA, O "LUNDU" SE TORNA  
"DANÇA" -**

-  
a "dança" que me torna "professor(a)"

Belém

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIENCIA DAS ARTES  
FACULDADE DE DANÇA

**ANTONIO BENEDITO LIMA PANTOJA**

**NO BATER DA PALMA, O "LUNDU" SE TORNA "DANÇA" - a "dança" que me torna  
"professor(a)"**

**BELÉM  
2023**

**ANTONIO BENEDITO LIMA PANTOJA**

**NO BATER DA PALMA, O "LUNDU" SE TORNA "DANÇA" - a "dança" que me torna  
"professor(a)"**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como  
requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado  
em Dança, pela Universidade Federal do Pará.  
Orientadora: Profª M.a Daísa Gomes do Rosário  
Coorientador: Prof. Me. Cássio Mauro Oliveira  
Tavernard

**BELÉM  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

P198n Pantoja, Antonio Benedito Lima  
No bater da palma, o "lundu" se torna "dança" - a "dança" que me torna "professor(a)" / Antonio Benedito Lima Pantoja. 2023.  
44 f.

Orientadora: Profª Ma. Daísa Gomes do Rosário  
Coorientador: Prof. Me. Cássio Mauro Oliveira Tavernard

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.

1. Danças folclóricas – Soure (Pa). 2. Cultura afro-brasileira 3. Lundu (Dança). I. Título.

CDD - 23. ed. 781.62

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA

#### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezesseis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às onze horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Profª. M.a. Daísa Gomes do Rosário (Orientadora e Presidente da Sessão), a Prof. Dr. João de Jesus Paes Loureiro (Membro Interno), o Prof. Me. Cássio Mauro Oliveira Tavernard Coorientador) e o Prof. Dr. Marcos Jacob Costa Cohen (Membro Externo), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **NO BATER DA PALMA, O "LUNDU" SE TORNA "DANÇA" – A "DANÇA" QUE ME TORNA "PROFESSOR(A)"**, de autoria do aluno: Antônio Benedito Lima Pantoja, matrícula: 201806040033, da turma: 2018, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou o aluno para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito Excelente seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pelo aluno.

*Daísa Gomes do Rosário*

Presidente da Banca

*Antônio Benedito Lima Pantoja*

Coorientador

*João de Jesus Paes Loureiro*

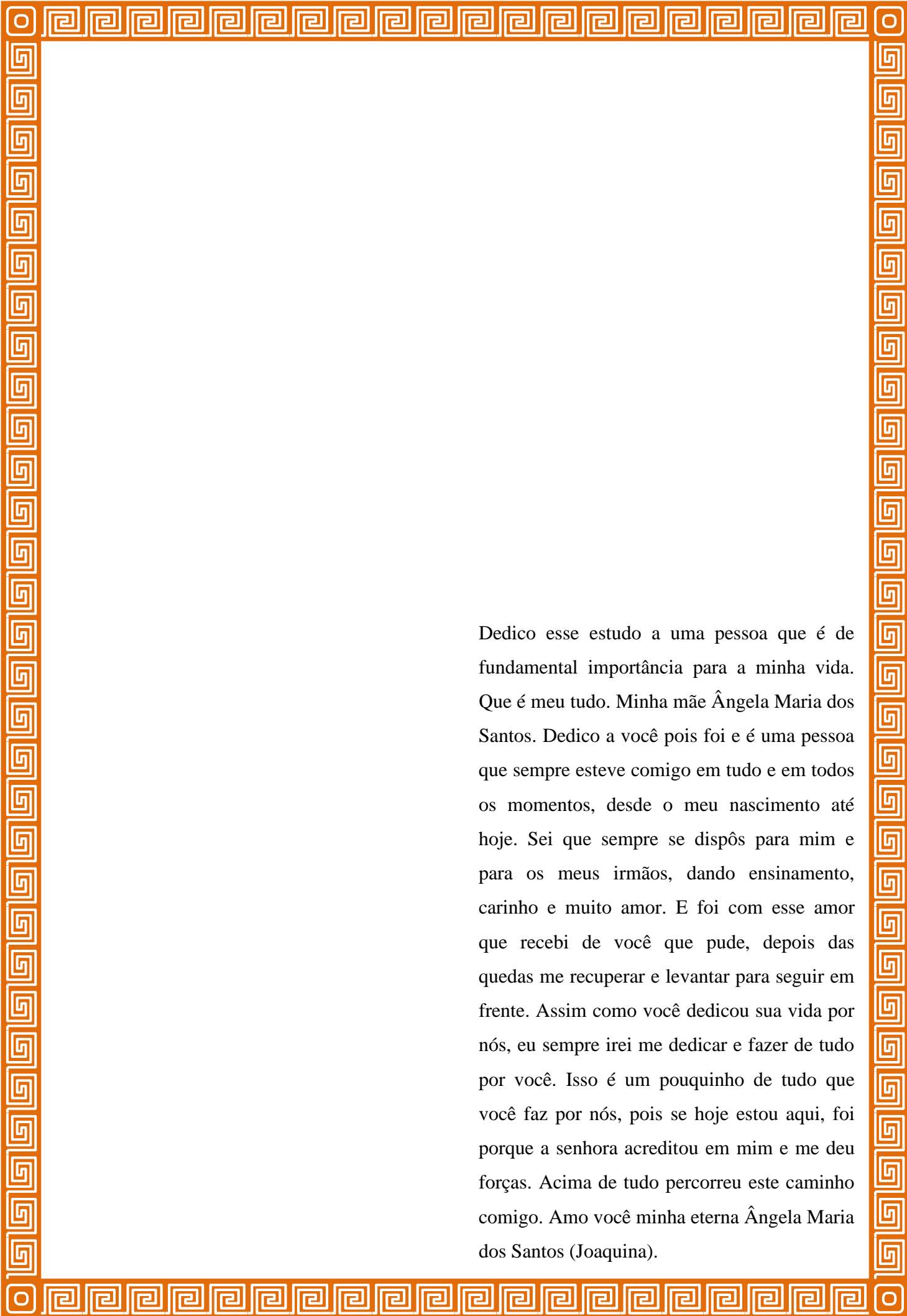
Membro da Banca

*Marcos Jacob Costa Cohen*

Membro da Banca

*Antônio Benedito Lima Pantoja*

Aluno (a)



Dedico esse estudo a uma pessoa que é de fundamental importância para a minha vida. Que é meu tudo. Minha mãe Ângela Maria dos Santos. Dedico a você pois foi e é uma pessoa que sempre esteve comigo em tudo e em todos os momentos, desde o meu nascimento até hoje. Sei que sempre se dispôs para mim e para os meus irmãos, dando ensinamento, carinho e muito amor. E foi com esse amor que recebi de você que pude, depois das quedas me recuperar e levantar para seguir em frente. Assim como você dedicou sua vida por nós, eu sempre irei me dedicar e fazer de tudo por você. Isso é um pouquinho de tudo que você faz por nós, pois se hoje estou aqui, foi porque a senhora acreditou em mim e me deu forças. Acima de tudo percorreu este caminho comigo. Amo você minha eterna Ângela Maria dos Santos (Joaquina).

## AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus pelo dom de minha vida. Deus obrigado por tudo que tem feito por mim e em minha vida. Nesse momento desejo expressar minha profunda gratidão a ti Senhor, agradeço pelas bênçãos recebidas, pelos desafios que me fortaleceram e por cada momento de crescimento que vivi. Senhor, humildemente, te peço que me conceda sabedoria em tudo o que eu fizer. Senhor obrigado pela gratuidade do teu amor. Também agradeço-te por sempre estar comigo até o fim e nunca me abandonar.

Agradeço a minha força, inspiração e pilar da minha vida que é a minha mãe (junto com Deus). Obrigado mãe por cada carinho, amor, afeto, respeito e ensinamentos. Te agradeço por estar sempre comigo em tudo e, principalmente, nessa caminhada que foi árdua e difícil, mas quen nunca largou a minha mão. Sempre foi minha força e meu tudo. Obrigado por sonhar e realizar comigo o meu sonho. A você só gratidão e todo o meu amor. A senhora foi minha inspiração em tudo e sempre me incentivou a estudar e realizar todos os meus sonhos que eram possíveis.

Também agradeço a minha família, que é constituída de meus irmãos, minhas cunhada(o)s e meus sobrinhos. Meus irmãos: André, Fernando, Luiz, José Roberto, Carlos, Patrícia e Maria. Minhas cunhadas: Gisele Alcântara, Morena e Giunague. Meus sobrinhos: Diego, Fernanda, Ana Luiza, Josi, Carol, Leidiane, Augusto, Carlos, Gustavo, Pérola e Nicolás.

Agradeço também aos meus tios: Alcide Gama das Neves e Eneida Gama das Neves, que sempre se prontificaram em me ajudar. Nunca mediram esforços para que eu estudasse e chegasse até o fim da minha caminhada. Sempre me incentivaram e me deram forças para que eu pudesse estudar. Obrigado tios e que Deus os abençoe sempre.

Agradeço também aos meus padrinhos: Jota Romildo e Luciete Alves, que desde o meu nascimento estão comigo e também me ajudaram e deram sua contribuição para a minha formação educacional e de vida. Sei que estarão sempre prontos a me ajudar no que eu precisar.

Agradeço também a todos os meus amigos que sempre fizeram de tudo por mim. Sempre se disponibilizaram a me ajudar no que eu precisasse. Obrigado: Késya Patrícia, Robson Alves, Regison Alves, Briane Brandão, Everton Torres, Márcio Souza, Antônia Cardoso, Brendo Maciel, Francisco, Amanda Sampaio, John Wellington, Suelen, Mayra Lima, Juliana Guimarães, Adriele Nascimento, Edilea Assis, Lauane Gomes, Karolline Martins, Gabriele, Gabriela Costa, Kelson Costa, Alexssander, Fábio Henrique, Marinalva, Dhúlio Gabriel, Camila Brito, Ariadne Raiol, Romulo Santos e Adlim.

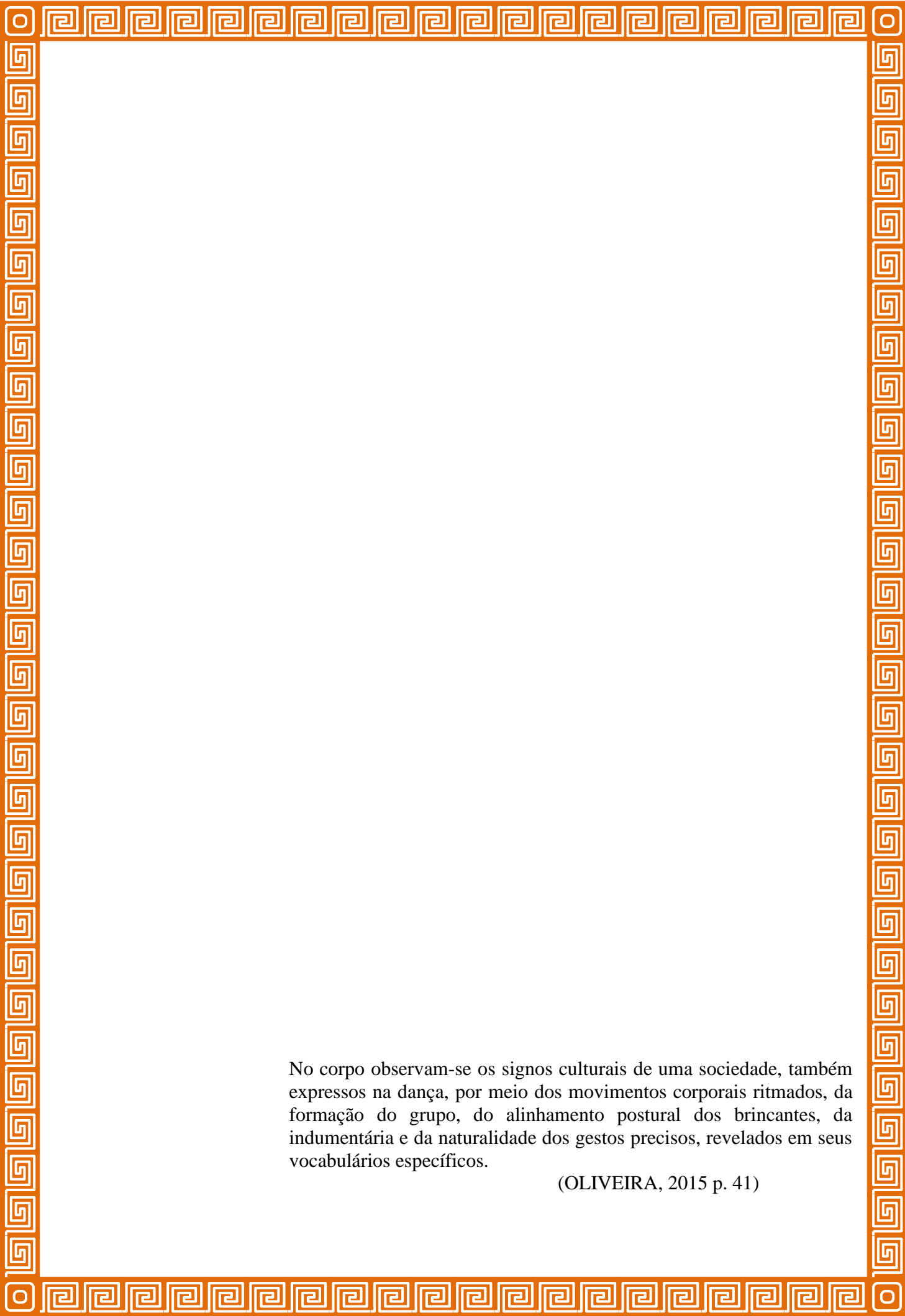
Agradeço também meus patrões, que sempre me entenderam em meio a essa caminhada. Obrigado Senhor André Lima e D. Alcione Flores, por todo o carinho, compreensão e incentivo nos estudos.

Também agradeço a todos os meus vizinhos que sempre torceram por mim e também estão comigo nessa caminhada. Ana Ferreira, Sr. Mário, Márcia, Luiz, Sônia, Socorro, Marcileia, D. Tereza, "Chinelo", João, Ariete e D. Vigica.

Agradeço também muito a minha orientadora: Prof<sup>ª</sup> Daísa Gomes do Rosário, que se disponibilizou e se entregou de corpo e alma à minha orientação. Pois não mediu esforços nenhum para a realização do meu sonho. Muito obrigado por cada esforço seu. Só nós e Deus sabemos o quanto demos o nosso máximo. Obrigado por cada mensagem, ligação e orientação pessoal. Só gratidão a você por ser esse ser tão bom, iluminado, uma pessoa incrível e super amável.

Agradeço também ao meu coorientador o Prof. Cássio Mauro Oliveira Tavernard que também foi de fundamental importância e relevância para a realização desse sonho.

Agradeço a todos os professore(a)s que fizeram parte da minha história durante esses cinco anos de caminhada no Curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Dança da UFPA. O meu muito obrigado.



No corpo observam-se os signos culturais de uma sociedade, também expressos na dança, por meio dos movimentos corporais ritmados, da formação do grupo, do alinhamento postural dos brincantes, da indumentária e da naturalidade dos gestos precisos, revelados em seus vocabulários específicos.

(OLIVEIRA, 2015 p. 41)

## RESUMO

Esse "Trabalho de Conclusão de Curso - TCC", intitulado: "No bater da palma, o "Lundu" se torna "Dança" - A "Dança" que me torna "Professor(a)". Teve como problema de pesquisa: "Saber qual a importância de conhecer a origem e a história do "Lundu Marajoara" relacionado ao processo de formação do professor de dança e suas contribuições para a cultura de "Soure e da Amazônia". Para o desenvolvimento de sua metodologia de pesquisa teve como principal aporte teórico o conceito de "memória cultural" de forma a alicerçar uma concepção de tipo de pesquisa pautada na ideia de "corpo-arquivo". O trabalho ficou organizado em três capítulos: Capítulo 1 - A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS DE AMIZADE QUE ME LEVARAM A DANÇA; Capítulo 2 - A CHEGADA AO CRUZEIRINHO E O ENCONTRO COM O LUNDU MARAJOARA; Capítulo 3 - TERCEIRO A VIVÊNCIA E A PRÁTICA NA DANÇA DO LUND MARAJOARA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO ENQUANTO O PROFESSOR(A) DE DANÇA. O estudo visa trazer contribuições para os cidadãos do município de "Soure" ao propiciar auto-reconhecimento quanto sua riqueza cultural e sua história enquanto sociedade que tem importância não só para os moradores do município de "Soure" mas também para a história e a cultura do Marajó e da Amazônia.

**Palavras-chave:** cultura; dança; Lundu Marajoara; professor(a); Soure.

## ABSTRACT

This "Course Completion Work - TCC", entitled: "In the clap of the palm, the "Lundu" becomes "Dance" - The "Dance" that makes me "Teacher". The research problem was: " Know the importance of knowing the origin and history of "Lundu Marajoara" related to the dance teacher training process and its contributions to the culture of "Soure and the Amazon". For the development of its research methodology, the main theoretical contribution was the concept of "cultural memory" in order to support a conception of the type of research based on the idea of "body-archive". The work was organized into three chapters: Chapter 1 - THE CONSTRUCTION OF THE FRIENDSHIP TIES THAT LED ME TO DANCE; Chapter 2 - ARRIVAL AT CRUZEIRINHO AND THE MEETING WITH MARAJOARA; Chapter 3 - THIRD THE EXPERIENCE AND PRACTICE IN LUND MARAJOARA DANCE AND ITS CONTRIBUTIONS TO MY TRAINING AS A DANCE TEACHER. The study aims to bring contributions to the citizens of the municipality of "Soure" by providing self-recognition regarding its cultural richness and its history as a society that is important not only for the residents of the municipality of "Soure" but also for history and culture of Marajó and the Amazon.

**Keywords:** culture; dance; Lundu Marajoara; teacher; Soure.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Eu e mamãe.....	10
Imagem 2 - Minha Cidade .....	11
Imagem 3 - Instituições educacionais em que estudei .....	12
Imagem 4 - Meu Paraíso .....	15
Imagem 5 - Cultura de Soure .....	16
Imagem 6 - Raças de Búfalos.....	17
Imagem 7 - Raças de Búfalos.....	17
Imagem 8 - Cultura.....	17
Imagem 9 - Artesanato.....	18
Imagem 10 - Camisas Marajoaras .....	18
Imagem 11 - Minhas Praias .....	19
Imagem 12 - A revoada .....	20
Imagem 13 - Farol de Soure .....	20
Imagem 14 - Pesqueiro .....	21
Imagem 15 - Terruada.....	22
Imagem 16 - Conceção.....	22
Imagem 17 - Minhas amigas .....	23
Imagem 18 - Cruzeiro .....	26
Imagem 19 - Minha Dança .....	27
Imagem 20 - Cruzeirinho Mirim e Adulto.....	28
Imagem 21 - Dona Amélia.....	29
Imagem 22 - Minha Dança .....	30
Imagem 23 - Lundu.....	31
Imagem 24 - Vestimentas .....	32
Imagem 25 - Curimbó.....	33

Imagem 26 - Cheque .....	33
Imagem 27 - Flauta Doce e Transversal.....	34
Imagem 28 - Cavaquinho .....	34
Imagem 29 - Mestres .....	35
Imagem 30 - Ensaio do Cruzeirinho .....	36
Imagem 31 - Licenciatura em Dança 2018.....	38
Imagem 32 - Preto Juvencio .....	40

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO 1- A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS DE AMIZADE QUE ME LEVARAM À DANÇA</b> .....	15
<b>1.1 - Cultura Sourense</b> .....	15
<b>1.2 Minhas vivências, minha cultura, meus laços, meu ser</b> .....	22
<b>3 CAPITULO 2 - A CHEGADA AO CRUZEIRINHO E O ENCONTRO COM O LUNDU MARAJOARA</b> .....	26
<b>2.1 - Grupo de Tradições Marajoaras Cruzeirinho - GTM</b> .....	26
<b>2.2 - O "Lundu Marajoara" como manifestação cultural</b> .....	27
<b>2.3 O Lundu Marajoara</b> .....	29
2.3.1 - O figurino do Lundu Marajoara .....	31
2.3.2 - A música do Lundu Marajoara.....	32
<b>4 CAPITULO 3 - A VIVENCIA E A PRÁTICA NA DANÇA DO LUNDU MARAJOARA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO ENQUANTO PROFESSOR(A) DE DANÇA</b> .....	36
<b>3.1 Como aprendi a dançar o lundu marajoara</b> .....	36
<b>3.2 O que o curso de licenciatura em dança me fez construir enquanto concepção acerca do que é ser professor(a) de dança</b> .....	38
<b>3.3 O ensino do Lundu Marajoara nas escolas de Soure e a contribuição para a conservação, preservação e manutenção da cultura Marajoara</b> .....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	42
<b>8 ANEXO – Historia Criação do Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

[...] nenhum homem simboliza somente para si mesmo. E nem a partir de si mesmo. Simboliza ou cria apoio em uma herança cultural local e universal. Há uma relação intercorrente da criatidade individual com esses conjuntos de valores materiais e espirituais universais que se acumulam no trajeto antropológico do indivíduo em sua prática histórico-social [...]

( PAES LOUREIRO, 2007 p. 17)

**Imagem 1 - Eu e mamãe**



**Fonte: Arquivo Pessoal (2022)**

Era uma vez o menino que era o décimo quarto filho de sua mãe, que se chama Ângela Maria dos Santos (Joaquina) e de seu pai, Dionísio da Silva Pantoja (cheira velha), que hoje já é falecido.

No dia 15/01/1996 nasceu, Antônio Benedito Lima Pantoja, no "Hospital Menino Deus" em Soure. Uma das mais belas cidades do arquipelago marajoara e com uma cultura riquíssima. Assmann nos ressalta que:

Memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. A identidade, por sua vez, é relacionada ao tempo. O *self* humano é uma “identidade diacrônica” construída “da matéria do tempo” (LUCKMANN, 1983, *apud* ASSMANN, 2008, p. 116).

Nesse sentido, compreendo que memória é uma parte de nossa vida que nos é acionada, a partir das lembranças de determinadas situações que nos permite relembrar uma parte de nossa história, em meio a uma sociedade ou no local em que vivemos.

Foi nessa cidade cheia de encantos que eu nasci e com três anos de idade comecei a minha vida escolar na creche da "Dona Rochita".

#### **Imagem 2 - Minha Cidade**



**Fonte: Arquivo Pessoal (2023)**

Passaram-se os anos e mudei para outra escola, chamada "Raimundo da Silva Ramos", lá estudei da primeira até a quarta série do "Ensino Fundamental". Quando terminei a quarta série, passei para a "Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Gasparino Batista da Silva - E.E.E.F.M.P.G.B.S", na qual estudei da quinta a oitava série.

**Imagem 3 - Instituições educacionais em que estudei**



**Fonte: Kesya Patrícia (2023)**

Foi na quinta série que comecei a estudar com minha vizinha e amiga "Edilea". Essa minha amiga dançava em uma quadrilha chamada "Amizade da Matinha" que era coordenada pela "Dona Marielza". E assim comecei a dançar na mesma quadrilha que a Edilea no ano de 2008 e desde então não parei mais de dançar.

Desde o principio do curso sempre tentei trazer comigo meu local de nascimento presente nos trabalhos que realizava. Assim, em meu projeto de pesquisa elegi o "Lundu Marajoara" como meu objeto de investigação. E para a elaboração do meu "Trabalho de Conclusão de Curso - TCC" parti do seguinte problema de pesquisa saber: "Qual a importância de conhecer a origem e a história do "Lundu Marajoara" relacionado ao processo de formação de professores de dança e suas contribuições para a cultura de Soure e da amazônia?"

Para tanto, o objetivo geral ficou organizado da seguinte forma: "Investigar a origem e a história do "Lundu Marajoara" analisando a sua relação com a formação de professores de dança e suas possíveis contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem da dança nas escolas, assim como para a cultura de Soure e da amazônia". Levantei as seguintes hipóteses de forma a melhor direcionar minha investigação: **1** - A dança do "Lundu Marajoara" cada vez mais é menos praticada em relação a outros tipos de dança nos grupos folclóricos de Souré; **2** - Há um preconceito em relação a dança do "Lundu Marajoara" por ser considerada uma dança muito sensual, característica essa que é do "Lundu Africano" e não do "Lundu Marajoara";

3 - O conhecimento acerca da origem e história do "Lundu Marajoara" e seu ensino e aprendizado em instituições escolares pode contribuir para a sua preservação e conservação na cultura das danças de Souré.

Sobre a metodologia de pesquisa ressalto que é uma das partes que temos que ter uma total atenção, pois temos que escolher o nosso método de pesquisa, mas no caso das artes, muitas vezes precisamos criar a fim de que nos ajude a contar uma história numa linguagem acadêmica.

Nessa direção, o universo da pesquisa centrou-se na dança do "Lundu Marajoara" em Soure. Seguiu uma abordagem qualitativa, a qual segundo Minayo (2003, p. 22) “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”.

Quanto ao método de pesquisa, partiu-se da compreensão dos conceitos de **memória individual, social e cultural** de Jan Assmann, o qual ressalta que:

No *nível interno*, a memória é uma matéria de nosso sistema neuromental. Essa é a nossa memória pessoal, a única forma de memória reconhecida como tal até os anos 1920. No *nível social*, a memória é uma matéria de comunicação e interação social. [...] A memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória. [...] Aby Warburg, o historiador da arte, todavia, cunhou o termo “memória social” com referência ao terceiro nível, o *cultural*; ele parece ter sido o primeiro a tratar imagens, isto é, objetivações culturais, como portadoras de memória. (ASSMANN, 2008, p.117)

Pautou-se também na compreensão de **memória afetiva**, embasada no conceito de afeto de Piaget. O qual nos ressalta que:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1962/1994, p.129 *apud* FERREIRA, 2022, p. 7)

Nessa direção, o tipo de pesquisa ancorou-se no conceito de **corpo-arquivo** de Tercio, o qual nos diz que "O corpo-arquivo é assim o corpo capaz de construir uma certa historiografia autoral, uma certa e única história da dança". (TÉRCIO, 2017, p. 106). Uma vez que parto de minhas memórias sócio culturais e de todas as lembranças relacionadas as minhas vivências no "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho",

onde aprendi muitas de nossas danças folclóricas dentre as quais o "Lundu Marajoara".

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas, depoimentos e registros fotográficos e vídeos.

Dessa forma o trabalho ficou organizado em três capítulos: Capítulo 1 - A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS DE AMIZADE QUE ME LEVARAM A DANÇA; Capítulo 2 - A CHEGADA AO CRUZEIRINHO E O ENCONTRO COM O LUNDU MARAJOARA; Capítulo 3 - A VIVÊNCIA E A PRÁTICA NA DANÇA DO LUNDU MARAJOARA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO ENQUANTO O PROFESSOR(A) DE DANÇA.

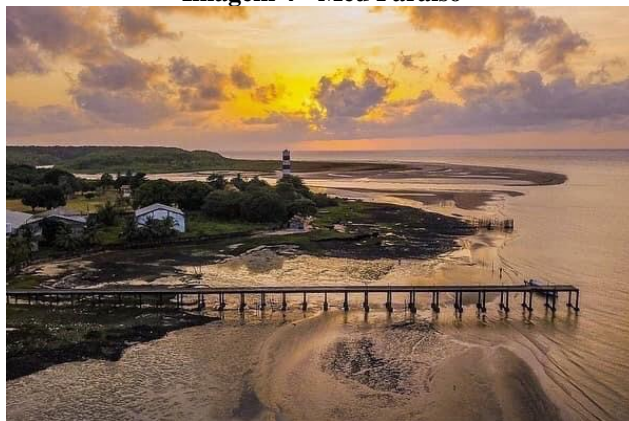
# CAPITULO 1- A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS DE AMIZADE QUE ME LEVARAM À DANÇA

## 1.1 - Cultura Sourense

Soure era, inicialmente, um interior do Marajó e sua origem foi parecida como as de outras cidades do arquipélago Marajoara. Começou com um povoado em torno de igrejas construídas por missionários Jesuítas, próximo a aldeias indígenas. A Aldeia de "São José do Mundim", foi o primeiro nome que recebeu e logo depois tornou-se "Freguesia do Menino Deus", quando Francisco Xavier de Mendonça Furtado governou o estado do Grão-Pará e Maranhão, transformou em "Vilas Portuguesas" pertencentes a coroa da Casa de Bragança, todas as aldeias mencionadas pelos religiosos. Assim, a "Freguesia do Menino Deus" foi elevada a categoria de vila em 1757 e passou a denominar-se Soure.

No ano de 1833, como não houvesse desenvolvimento que justificasse seu status, a vila de Soure voltou a condição de povoado. Só em 1847, quando ficaram prontos os prédios de Cadeia Pública e da Câmara, Soure recuperou o título de vila e, doze anos depois, em 1859, elevou-se a categoria de município. (BARBOSA, 2011, p. 13). Hoje Soure é a maior cidade do arquipélago do Marajó. Sendo esse o maior arquipélago flúvio-marítimo, localizada no Marajó Oriental, o qual é constituído por 7 municípios, dentre os quais Soure faz parte, quais sejam: **Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure.** (BARBOSA, 2011).

Imagem 4 - Meu Paraíso



Fonte: Facebook Bufalos Brocados (2023)

Imagem 5 - Cultura de Soure



Fonte: Thaisa Dantas (2019)

A cultura Marajoara é muito abrangente e no arquipélago do Marajó todas as cidades tem sua cultura específica tanto no Marajó Oriental quanto no Ocidental. Assmann ao se reportar ao conceito de memória ressalta que:

A memória cultural é um tipo de instituição. Ela é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra. Objetos externos como portadores de memória já desempenham um papel no nível da memória pessoal. Nossa memória, que possuímos enquanto seres dotados de uma mente humana, existe somente em interação constante, não apenas com outras memórias humanas, mas também com “coisas”, símbolos externos (ASSMANN, 2008, p. 118)

Como parte de sua cultura Soure no Marajó tem um rebanho de búfalos, dos quais identifica-se quatro raças que são: **Mediterrâneo; Carabal, Jafarabade** e o **Murrah.**

**Imagem 6 - Raças de Búfalos**



**Imagem 7 - Raças de Búfalos**



**Fonte: Kesya Patricia (2023)**

Também temos o artesanato e a culinária . Falando propriamente de Soure a culinária é vasta, pois temos: o queijo do marajó (Soure), o doce de leite, carne com queijo do Marajó, frito de vaqueiro (que é encontrado mais nas fazendas), o chouriço e o tão famoso queijo do Marajó (que é produzido na cidade), temos a queijaria da mironga, da leal e do Peua. Além da belíssima cerâmica Marajoara.

**Imagem 8 - Cultura**



**Fonte: Adlelin (2023)**

No artesanato temos o cortume (onde são confeccionados - bolsas, sandálias, cintos, chapéus e chaveiros)

**Imagem 9 - Artesanato**



**Fonte: Kesya Patricia (2023)**

Não podemos esquecer também no artesanato das camisas marajoaras que são feitas de Linho e adornada de galões Marajoara.

**Imagem 10 - Camisas Marajoaras**



**Fonte: Kesya Patricia (2023)**

Além do Artesanato e culinária também há nossas praias como a **Praia do** pescueiro, **Praia da Barra Velha**, **Praia do Araruna**, **Praia do Garrote**, **Praia do céu** e **Caju Una**.

**Imagem 11 - Minhas Praias**



**Fonte: Facebook Búfalos Brocados (2023)**

A **praia do Araruna** é uma das praias mais antigas da cidade de Soure. Em 1957 foi povoada por pescadores, mas as transformações geológicas, pouco a pouco tornaram o lugar inabitável, a maioria dos pescadores migrou para a cidade e abandonou a profissão. Araruna ficou praticamente um deserto. Mas sempre é encantadora e muito procurada pelos veranistas. A praia fica a 4 Km da sede da cidade do município.

**Barra Velha:** a exploração da Praia da Barra Velha pelo turismo é mais recente localizada entre a praia do garrote e o canal velho, possui barracas com palhas e palmeiras muito disputada pelos banhistas. No cardápio temos o caranguejo a toc toc, turu cozido, camarão no bafo, ciri e peixe frito na hora. O acesso a praia é fácil e rápido e prazeroso. Pode-se chegar à Barra Velha de bicicleta, motocicleta, mototáxi ou até mesmo de pé. Aliás é na caminhada que se tem a oportunidade de conhecer no percurso uma pequena fazenda de búfalos numa área cortada por estreitos canais de Igarapés, onde há garças, guarás e colhereiros pousados em árvores ou em plena revoada que colore o cenário com intensa beleza natural.

**Imagem 12 - A revoada**



**Fonte: Facebook Búfalos Brocados (2023)**

**Praia do garrote:** pouco conhecida a praia do garrote guarda no nome a sua principal curiosidade característica (foi denominada assim por conta de um túnel que havia na praia) sempre que o vento soprava forte as vibrações sonoras soavam como berro de um bezerro bem forte, de um garrote, daí a população denominou como garrote e também tem um ponto turístico perto que é o farol de Soure.

**Imagem 13 - Farol de Soure**



**Kesya Patricia (2020)**

A **praia do pescueiro:** é a praia mais conhecida de Soure, banhada pela baía do Marajó e pontuada por coqueiros altos com suas areias brancas e malocas ao estilo dos índios maruanazes (que foram os primeiros índios a habitar a cidade de Soure). A praia já foi considerada pelos turistas como (o HAvaí do Marajó), fica na vila do pescueiro e antigamente era isolada da cidade por igarapés que cortavam a estrada. Já em 1963

iniciou-se as obras de ligação entre Soure e o pesqueiro, com a construção de pontes sobre os três igarapés que cortavam a estrada. Só em 1969 o asfalto ligou a cidade ao pesqueiro, encurtando o caminho.

**Imagem 14 - Pesqueiro**



**Fonte: Facebook Búfalos Brocados**

**Praia de Caju Una** - é uma das mais caudalosas, localiza-se no povoado que tem o mesmo nome, outrora já foi o lugar da "Feitoria de Pesca da Ilha do Marajó" (Criada em 1692 a feitoria tinha a atribuição de controlar a atividade pesqueira na costa grande da Ilha de Joanes). Em 1972 "Caju Una" fazia parte da "Fazenda Camburupi", depois foi encorpada a "Fazenda Bom Jardim". Existe ali uma praia bem primitiva, ainda pouco explorada pelo turismo, pois o acesso é difícil. A vicinal que leva a cidade, com pouco mais de 6 Km, passa pelos Campos da Fazenda Bom Jesus (é um pouco ruim para chegar à praia do Caju Una)

**Imagem 15 - Terruada**



**Fonte: Autor Desconhecido**

## **1.2 Minhas vivências, minha cultura, meus laços, meu ser**

**Imagem 16 - Conceção**



**Fonte: Autor Desconhecido**

A cultura Marajoara é derivada dos índios mundins e maruanases que foram os primeiros habitantes de Soure no Marajó. Portanto, é uma cultura vasta em conhecimentos sobre a flora e a fauna, mas também com a chegada dos negros escravizados nas fazendas houve um processo de miscigenação de culturas o que a enriqueceu ainda mais.

Em relação a minha cultura temos vários pontos que podemos falar, várias ramificações, haja vista que um povo sem cultura é um povo sem história. A cultura de hoje foi a cultura de ontem e provavelmente será a cultura de amanhã.

Compreendo que a palavra cultura está ligada ao significado de ancestralidade, algo que foi feito no passado e prevalece até nos dias de hoje, no presente e quem sabe mais adiante no futuro, pois para que uma cultura permaneça viva temos que fazer com que nossas crianças conheçam e permaneçam transmitindo essa cultura.

Falando em Marajó fala-se dos 16 municípios que compõem o arquipélago Marajoara e, cada um em específico, tem sua cultura própria. Além disso cada cidade tem a sua individualidade em cultura mas também tem a sua pluralidade.

Foi durante o meu ensino médio que conheci duas amigas muito queridas Mayra e Milena.

**Imagem 17 - Minhas amigas**



**Fonte: Milena (2014)**

A Mayra fazia parte de um "Grupo de Carimbó" que denominava-se "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeiroirinho - GTM". A mesma me convidou para fazer parte do grupo, mas eu não quis, tinha vergonha e não sabia dançar "Carimbó". Não quis participar e nem ver, mas mesmo assim a Mayra insistia.

No ano de 2013 fiz o Enem pela primeira vez para ingressar no "Curso de Licenciatura em Dança", porém quando saiu o resultado em janeiro de 2014, eu não fui aprovado. Fiquei triste, mas minha mãe disse: "Pois você não passou, não era sua hora e nem a vontade de Deus". Quatro anos depois fui aprovado no Curso de Licenciatura em Dança da UFPA. Em meio minhas dificuldades financeiras precisei trabalhar e passei por alguns empregos, onde estabeleci laços de amizade na cidade de Belém. Dentre os vários locais de trabalho foi no trailer de coxinha chamado "Preto Salgado" que tem como proprietários Seu André e D. Alcione que me incentivaram a estudar. Em meus estudos sempre defendi a minha origem.

Pois nunca esqueci que meu envolvimento com a dança surgiu durante o meu ensino médio, mais exatamente no primeiro ano, na "Escola Instituto Stella Mares". já no meu segundo ano conheci minha amiga Mayra que dançava no "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeiroirinho" a mesma me convidou para participar do grupo, porém eu tinha vergonha e não quis. Pois não sabia dançar a Dança do Carimbó, mas já dançava quadrilha. Só em 2014 aceitei o convite para ir ao ensaio do grupo de Carimbó, que ocorria nos dias de segunda e quinta. Passei um mês sem ir aos ensaios pois achava que eu não me identificava com a dança, pois nos dois ensaios que participei eu só dancei carimbó.

Ao voltar aos ensaios do grupo comecei a aprender as outras danças, como o Carimbó, a Toada<sup>1</sup> (primeira dança do grupo que fazemos como aquecimento, para fazermos as outras danças), Chula, Vaqueiro<sup>2</sup>, Xote<sup>3</sup>, Mazurca<sup>4</sup>, India Marajoara<sup>5</sup>, A

---

<sup>1</sup> Toada - as Toadas de Boi Bumbá, são canções que tratam do cotidiano da população da cidade de Parintins. São elas que entrelaçam os fios que conduzem o desenrolar do autor do boi no festival folclórico de Parintins. (ATENA. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/palavras-e-expressoes-indigenas-em-toadas-de-boi-bumba>>. Acesso em: 22 Dez 2023).

<sup>2</sup> Vaqueiro Marajoara - A dança do Vaqueiro Marajoara é feita por homens que usam uma blusa Marajoara, calça enroladas até o joelho, um chapéu na cabeça e uma corda do vaqueiro. A dança faz alusão ao trabalho diário dos vaqueiros nas fazendas do Marajó.

<sup>3</sup> Xote - É uma dança de pares enlaçados que se movimentam sincronizadamente. Em geral em compasso binário, o Xote Escolinch tem sua origem na mais famosa dança folclórica da Escócia.

Lenda do Boto<sup>6</sup>, A Lenda da Mulher Cheirosa<sup>7</sup> e o Lundu Marajoara. De todos o "Lundu Marajoara" foi a dança que mais me encantou, por sua leveza, beleza e charme, aí cada vez mais quis aprender.

---

<sup>4</sup> Mazurca - A Marzuca é uma dança tradicional de origem polaca feita por pares formando figuras e desenhos diferentes. (WIKIPÉDIA. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mazurca>> Acesso em: 22 Dez 2023.)

<sup>5</sup> Índia Marajoara - É uma dança de roda onde tem no centro uma moça trajada com roupas de índia, com vaso Marajoara na mão, a dança é de pares de homens e mulheres ao redor da moça dançando conforme a música.

<sup>6</sup> A Lenda do Boto - é uma dança que representa a personificação de um Boto que se transforma em "Homem", vestido todo de branco e chapéu na cabeça e com suas beleza deslumbrante seduz e encantar a moça mais bela da festa levando-a para o fundo rio engravidando-a.

<sup>7</sup> Mulher Cheirosa - É uma dança criada a partir de uma lenda de Soure. Na qual a partir do falecimento da esposa de um francês que tinha uma fazenda na cidade, a mesma foi traída pelo seu marido, com uma mucama e jurou no seu leito de morte se vingar de todos os homens. Depois de morta ela aparecia no largo do Cruzeiro para enfeitiçar os homens e com sua beleza os atraía para a beira de um rio a fim de tentar matá-los.

### 3      **CAPITULO 2 - A CHEGADA AO CRUZEIRINHO E O ENCONTRO COM O LUNDU MARAJOARA**

#### **2.1 - Grupo de Tradições Marajoaras Cruzeirinho - GTM**

O "Grupo de Tradições Marajoaras Cruzeirinho", fundado em 22 de agosto de 1987 na cidade Soure Ilha de Marajó-PA, oriundo das manifestações despositivas de um grupo de crianças e adolescentes, coordenado pela senhora Amélia Barbosa em torno do "Monumento do Cruzeiro" - de onde deriva seu nome. O grupo é uma organização não governamental sem fins lucrativos com o intuito de trabalhar a criança e o jovem visando a sua integração na sociedade através de atividades sócio culturais.

Nasceu das rodas de "Carimbó" e das batidas compassadas dos grandes mestres locais. O Grupo a mais de 30 anos leva arte, cultura, educação e preservação de um patrimônio imaterial, representado pelas danças folclóricas do Marajó. (DOCUMENTO DE CRIAÇÃO DO GRUPO, s/d)

A princípio o "Grupo de Tradições Marajoaras Cruzeirinho" começou como um grupo de vôlei, passou para grupo de quadrilha junina até chegar a grupo de Carimbó, que até hoje perdura. O nome do grupo se deu por ser localizado próximo ao "Largo do Cruzeiro" que é uma cruz enorme próximo ao antigo cemitério da cidade.

**Imagem 18 - Cruzeiro**



**Fonte: Kesya Patricia (2023)**

Neste local o grupo Cruzeirinho também faz sua homenagem no dia do círio que é no segundo domingo de novembro na cidade de Soure Marajó.

E bem próximo ao "Largo do Cruzeiro" localiza-se o ponto de ensaio do grupo Cruzeirinho.

**Imagem 19 - Minha Dança**



**Fonte: Autor Desconhecido (2008)**

## **2.2 - O "Lundu Marajoara" como manifestação cultural**

O Lundu Marajoara uma das manifestações culturais mais antigas do Brasil o Lundu Marajoara é uma variante do lundu africano praticado principalmente em Soure e Salvaterra na Ilha do Marajó é a dança e o canto de origem africana introduzida no Brasil provavelmente por escravos de Angola, em 1816 as primeiras camadas mais pobres da população divertiam-se ao som do "Lundu" nascido nas senzalas e trazido pelos negros africanos e amadurecido em meio aos escravos.

Quando chegou no Brasil, mais especificamente no Marajó (Soure) dança do "Lundu" é resignificada. Já como era uma dança que fora para as fazendas, os vaqueiros adaptaram-na para o seu modo de vida.

A prática do "Lundu" em Soure é recorrente em alguns grupos folclóricos ou parafolclóricos que já são existentes há alguns anos. Na cidade temos os respectivos grupos:

- 1 - Aruans;
- 2 - Tambores do Pacoval
- 3 - Eco Marajoara
- 4 - Cruzeirinho

Dentre esses grupos dois deles dançam Lundu Africano que é diferente do Marajoara. No Marajó todo, tanto no Ocidental quanto no Oriental, temos a prática do Lundu. Já precisamente em Soure temos esse respectivos grupos que citamos acima.

Aruans, Eco Marajoara e Cruzeirinho são os grupos mais antigos da cidade.

O grupo Aruans só trabalha com adultos e seus ensaios são pela parte da noite. O grupo tem em seu repertório várias danças e dentre essas também temos o Lundu Africano.

O Eco Marajoara também vem na mesma linha com o grupo só de adultos e também traz em seu repertório de danças o Lundu Africano.

Porém, o "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho" tem tanto grupo infantil e o adulto o grupo infantil é coordenado por Ana Amélia Barbosa a mesma coordena o grupo Mirim desde sua fundação, o grupo Mirim também possui várias danças em seu repertório, dentre essas também temos o Lundu Marajoara, que é ensinado nos ensaios.

**Imagem 20 - Cruzeirinho Mirim e Adulto**



**Fonte: Autor Desconhecido**

O grupo Mirim serve de base para o grupo adulto, pois as crianças do mirim quando chegam na idade de 15 anos passam para o grupo adulto. Já no grupo adulto a coordenadora é Amélia Barbosa que também é a fundadora do grupo de tradições Marajoara Cruzeirinho.

**Imagem 21 - Dona Amélia**



**Fonte: Anamélia Ribeiro (2022)**

O "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho" tem como intuito a preservação e a conservação da cultura. O mesmo sempre preserva suas danças, coreografias e gestos e com isso a busca sempre manter a cultura ativa. Uma vez que as danças sempre mostram as lendas, tradições e costumes, pois suas danças retratam uma vivência, um costume, uma história ou até mesmo a vida cotidiana.

As danças como Carimbó, toada, chula, Vaqueiro Marajoara, Xote, mulher cheirosa, índia Marajoara, e lundu são danças da nossa história.

já o tambores do pacoval é um grupo para o público abrange várias faixas etárias ele é um grupo para a comunidade em si assim como todos os outros grupos.

### **2.3 O Lundu Marajoara**

Segundo a história que eu escuto é que desde o princípio a dança do Lundu era dançada nas senzalas. A mulher em sua dança tinha que saber escolher o seu par. Pois era naquela dança que ela poderia escolher seu futuro esposo. Então, ela tinha um modo de seleção, ou seja, no decorrer da dança a mulher (que era beleza, leveza, sensualidade e Carisma) tinha que envolver o seu parceiro na dança, com a troca de olhares tentava mundiar seu parceiro para que em um determinado tempo da dança com sua movimentação de jogar de saia pudesse cobrir a cabeça do homem. Esse movimento

também faz alusão ao jogar de uma tarrafa (instrumento utilizado para a pesca de peixe ou de camarão), que sempre foi mais utilizada por homens e menos por mulheres.

**Imagem 22 - Minha Dança**



**Fonte: Autor Desconhecido**

A dança a princípio inicia-se com duas filas retas de homens e mulheres. Quando a música começa a tocar ambos começam a se olhar. A dança tem uma pessoa que é o condutor, essa pessoa ao começar a música do Lundu Marajoara, espera alguns segundos para bater palma, aí começa a dança. Batemos os pés, o gingado dos braços e o estalar dos dedos são ao ritmos do Curimbó, e com isso a primeira pessoa da fila bate palma duas vezes ao som do Curimbó e sai agachado tirando o chapéu, e em seguida vem sua dama rebolando e contando três vezes, para jogar a saia e cobrir a cabeça do homem, e os outros cavalheiros fazem o mesmo até formar uma roda e sempre o homem olhando para a mulher.

Nessa formação de roda o condutor bate palma novamente, os cavaleiros rodam junto com sua dama e entram para a roda. E a dama espera o condutor bater novamente para seu cavalheiro se agachare e fazer a contagem de três, para a dama jogar a saia novamente. Depois que saem da roda eles dançam um pouco até o condutor bater novamente para girar com a dama. A dama entra para a roda dançando esperando o condutor bater novamente a palma, a dama fica dançando na roda e quando o condutor bate ela faz a contagem de três e joga a saia tentando cobrir a cabeça do homem e com isso eles retomam a dança novamente. Continua dançando até sair quase todos e ficar só um casal, com isso o casal fica dançando até o final. A dama tentando cobrir a cabeça do homem, a dama fica aficionada com isso, a mesma traz em seu olhar o jogo da

sedução , a mundiação para tentar no jogar da saia cobrir a cabaça do homem , antes de finalizar a dança, o fim da dança e o cumprimento do casal.

**Imagem 23 - Lundu**



**Fonte: Autor Desconhecido**

### 2.3.1 - O figurino do Lundu Marajoara

A roupa das damas sempre eram as roupas que as moças escravizadas usavam no trabalho. Era uma roupa do dia a dia (que era uma saia longa branca e uma camisa de manga também branca), pois as mesmas não podiam usar roupa de cores igual as de suas patroas e das filhas das patroas.

As moças escravizadas sempre depois de um dia bem produtivo de trabalho se arrumavam para dançar, isso acontecia em forma de agradecimento.

A vestimenta dos cavalheiros seria a mesma das damas no sentido de ser a roupa de trabalho, uma calça branca porém os homens não usavam camisas, porque também eles usavam sua própria roupa de trabalho para dançar. todas as danças aconteciam como forma de agradecimento, por uma boa colheita, pela chuva, também por uma data de comemoração de um santo. A vestimenta do Lundu só foi modificada a partir do momento em que a dança saiu das senzalas e passou a ser uma dança de corte ou da burguesia, aceitável pela elite da sociedade brasileira.

Quando o Lundu chegou no Pará, mais precisamente na Ilha do Marajó, estendeu-se nas fazendas de Soure. Hoje é dançado pelos vaqueiros da ilha, e sua vestimenta continua seguindo os padrões de antigamente.

Pois era a sua roupa de trabalho que o vaqueiro usava para dançar o Lundu. A roupa usada pelo homem é uma blusa adornada de galões marajoara, uma calça jeans

enrolada até próximo aos joelhos, pés descalços e o chapéu na cabeça, sendo que a blusa de manga era para proteger do sol junto com o chapéu.

Já a roupa das mulheres é uma blusa branca, uma saia de cetim e por baixo dessa saia uma anágua branca, pois refere-se como as moças escravizadas usavam na época que moravam nas senzalas. Também usam acessórios como arranjo na cabeça, brincos, colares e pulseiras.

**Imagem 24 - Vestimentas**



**Fonte: Autor Desconhecido**

### 2.3.2 - A música do Lundu Marajoara

É uma música cadenciada de som e ritmo leve. Geralmente a música conta uma história, fala sobre a vivência de um povo, uma comunidade ou até mesmo de uma cidade. Além da música ser um conjunto de ritmos, melodias e versos, também é composta por alguns instrumentos como o Curimbó, o Cheque, a Flauta Doce, o Cavaquinho e Flauta Transversal.

Cada instrumento tem seu som específico e característica que são de fundamental importância para o ritmo do Lundu Marajoara.

**Curimbó** = Força e Ritmo;

**Imagem 25 - Curimbó**



**Fonte: Autor Desconhecido**

**Cheque** = harmonia e gesto;

**Imagem 26 - Cheque**



**Fonte: Autor Desconhecido**

**Flauta Doce e Transversal** = leveza, carisma e sensualidade no olhar;

**Imagem 27 - Flauta Doce e Transversal**



**Fonte: Autor Desconhecido**

**Cavaquinho** = harmonia, beleza e encantamento.

**Imagem 28 - Cavaquinho**



**Fonte: Autor Desconhecido**

O conjunto de sons de todos esses instrumentos trazem um som característico para Lundu Marajoara.

Também não podemos esquecer dos mestres que compõem as músicas como: Mestre Diquinho e Mestre Chicão que são compositores da minha cidade de Soure, portanto meus conterrâneos.

**Imagem 29 - Mestres**



**Fonte: Anamélia Ribeiro**

## 4      CAPITULO 3 - A VIVENCIA E A PRÁTICA NA DANÇA DO LUNDU MARAJOARA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MINHA FORMAÇÃO ENQUANTO PROFESSOR(A) DE DANÇA

### 3.1 Como aprendi a dançar o lundu marajoara

Imagem 30 - Ensaio do Cruzeirinho



Fonte: Anamélia Ribeiro (2022)

Aprendi a dançar o Lundu Marajoara nos ensaios que ocorriam dias de segunda e quinta-feira no horário das 20:00 até às 22:00 no ponto de cultura cruzeirinho. Logo no princípio foi difícil, pois tinha vergonha e um bloqueio porque era o primeiro contato que havia tido com esses tipos de danças folclóricas.

Comecei pelo Carimbó e Toada. Depois fui para o Lundu Marajoara e a partir desse momento começaram a me ensinar a cada ensaio. A batida do pé que acompanha o som do tambor, a batida da palma que ocorre na melodia da música e o estalar dos dedos que acontece ao som do cheque. E assim, comecei a dançar e a me dedicar mais e mais a cada ensaio para me aperfeiçoar na dança do Lundu Marajoara. A cada ensaio eu

me dedicava mais e com minha dedicação fui aprendendo e me apaixonando cada vez mais por essa dança.

Sempre me dediquei para aprender todas as danças do "Cruzeirinho" e isso me propiciou conhecer várias pessoas como a Antônia, o Alexsander, a Yasmin, a Eliana, a Rívia, a Ana Amélia, o Adriano (BA), o Luciano, a Suelen, a Ariadne, o Alan, o Neno, a D. Betty, o Edilson (Talo), o Eliezer, o João Vítor, o Gláuber, a Samilly, a Suemilly, o Assis, o Paulinho, a Angelica, a Gilmara e a Dona Amélia (que é a dona e coordenadora do "Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho").

O processo de aprendizagem das danças dentro do grupo, ocorre da seguinte forma: primeiro parte da observação, depois um dos membros se aproxima de você e passa a ensinar os passos de cada dança e depois passa-se aos ensaios com todos membros, chamados de ensaios gerais.

Dentro do grupo folclórico além da Mayra, uma pessoa que também me incentivou e me ensinou muito foi o Adriano o "BA", que no seu tempo livre me ensaiava e me ensinou os gestos, movimentações e gingados de todas as danças do grupo. Com isso, os anos foram se passando e eu fui me aperfeiçoando nas danças.

Vale ressaltar que dentre as danças do grupo, a que eu menos gostava era o "Lundu Marajoara". Pois foi uma das danças que eu tive mais dificuldade de aprender, mas não desisti e o "Adriano" (BA) sempre me ensinou junto com a Mayra até que fui fazer minha primeira apresentação.

Mas sendo novato, dancei o "Carimbó" nos intervalos do grupo (que era o espaço de tempo entre uma dança e outra, em que os dançarinos mais antigos faziam a troca de roupa para a próxima apresentação) e sempre que tinha apresentação era assim.

Até certa vez que já estava mais confiante e a Dona Amélia me colocou para fazer outras danças dentre as quais estava o "Lundu Marajoara". Desde então, quando havia apresentações do grupo eu passei a dançar com os dançarinos mais antigos.

### 3.2 O que o curso de licenciatura em dança me fez construir enquanto concepção acerca do que é ser professor(a) de dança

**Imagem 31 - Licenciatura em Dança 2018**



**Fonte: Arquivo da turma (2018)**

O Curso de Licenciatura em Dança me fez construir e ter um posicionamento enquanto professor. Pois hoje compreendo que ser professor de dança vai muito além da sala de aula. Acima de tudo eu construí conhecimento sobre dança, postura e respeito.

Também me fez construir uma base de conhecimentos de alguns assuntos em que eu não conhecia. Pude conhecer outras culturas, outras danças e sobretudo outras pessoas. Me fez construir um alicerçamento de conhecimentos e assim como eu aprendi eu também fui ensinando. Não sabemos tudo, a cada dia é uma nova etapa de vida e assim como ensinamos também aprendemos muito com os nossos alunos e amigos, uma vez que não é só na sala de aula que aprendemos, mas na vida, no cotidiano e em meio à sociedade em que vivemos, pois o conhecimento gera conhecimento.

No início eu imaginava que ser professor era só ensinar e ter razão de quase tudo, porém vi que tinha uma concepção errada. Ao ingressar na Curso de Licenciatura em Dança vi que não era só ensinar, mas sim aprender a cada dia e acerca de tudo iremos ser um espelho para nossos alunos. É compreender que iremos contribuir na formação de cidadãos para a sociedade e o meio em que vivemos.

Portanto, temos que ensinar com amor e carinho, temos o dever de ensinar o que nos foi ensinado e com isso teremos a satisfação maior de, cada vez mais de ensinar.

Na minha vida tenho como referência muito grande a minha madrinha e professora Luciete Alves, que me mostrou e me mostra que ser professor(a) é acordar cedo e ter a disponibilidade, a disposição de dias, meses e até anos para preparar o seu instrumento de trabalho e ensino.

Quanto a ser professor de Dança, eu imaginava que ser um professor de dança era só passar uma coreografia e estava tudo bem. Porém ao ingressar no Curso Licenciatura em Dança, vi que era uma realidade totalmente diferente pois temos que ter um preparo e o respeito com o nosso corpo e com o corpo do outro, pois iremos trabalhar com pessoas acima de tudo.

Muitos imaginam que fazer dança é só fazer coreografia, porém não é bem assim. Para você ser o professor você tem que ter um preparo uma qualificação e uma base de competência nos conhecimentos da dança. Assim como em todas as profissões.

### **3.3 O ensino do Lundu Marajoara nas escolas de Soure e a contribuição para a conservação, preservação e manutenção da cultura Marajoara**

O ensino do Lundu Marajoara nas escolas é de fundamental importância pois isso faz parte da nossa cultura, da nossa história e é parte da nossa fundação enquanto município.

Ter o ensino do Lundu Marajoara nas escolas é garantir sua contribuição para a preservação de nosso patrimônio imaterial, é ter também o resgate da cultura por parte de uma parcela maior da sociedade de Soure a fim de que não se perca e não fique para trás esquecida na memória da população.

Pois se hoje está presente foi porque alguém lá atrás lutou sofreu e até mesmo morreu para que essa cultura fosse viva hoje em nossa cidade. Temos vários precursores que deram a sua contribuição para que o Lundu Marajoara não morresse, com por exemplo, o preto Juvêncio, a Dona Maria e a Dona Preta.

**Imagem 32 - Preto Juvencio**



**Fonte: Autor Desconhecido**

Hoje o Lundu Marajoara é mantido e praticado em Soure por Dona Amélia Barbosa e Dona Heloísa. Assim como no passado os africanos (as pessoas que foram escravizadas da sua terra natal para outras localidades). Então se hoje essa cultura permanece em Soure foi por conta da ancestralidade que tivemos antes.

Também uma das principais importâncias de termos o ensino do Lundu Marajoara nas escolas é que esse possa ser ensinado aos nossos alunos como parte nossa cultura para que conheçam um pouco de nossa ancestralidade e um pouco de nossa história.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, tem como intuito contribuir para o alargamento do reconhecimento e da historicidade de um município, "Soure", por meio de uma dança.

Essa dança é o "Lundu Marajoara", o qual por meio da Lei Ordinária nº 9.222, de 15 de março de 2021, foi declarada como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará - o "Lundu Marajoara" como dança específica do município de Soure".

Esse estudo visa trazer contribuições para os cidadãos desse município propiciando-lhes auto-reconhecimento quanto a sua riqueza cultural.

Além de tudo faz reconhecer um pouco da sua história enquanto sociedade, que tem importância não só para os moradores do município de "Soure", mas também para a história e a cultura do Marajó e da Amazônia.

Portanto, é inegável que sua importância cultural, social e memorial. Assim como, a perspectiva de conservação acerca da memória cultural e coletiva por meio do ensino de dança do "Lundu Marajoara" no âmbito educacional. Pois segundo Halbwachs

[...] o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva". (Halbwachs, 2013, p.02)

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATENA. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/palavras-e-expressoes-indigenas-em-toadas-de-boi-bumba>>. Acesso em: 22 Dez 2023.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

BARBOSA, Maria de Nazaré. Memórias da minha cidade: Soure. Belém: IAP; IOE, 2011.

DOCUMENTO DE CRIAÇÃO DO GRUPO, s/d)

FERREIRA, Maria Wliana da Silva . A construção da memória afetiva no processo de ensino- aprendizagem na educação infantil. Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. Gama-DF, 2022.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Manual de orientação de trabalho de conclusão de curso: memorial de formação / Ana Lúcia Ferreira Davim, Ilsa Fernandes de Queiróz, Lorena Gadelha de Freitas Brito, Maria Aparecida da Silva Andrade. – 2. ed. – Natal: IFESP-RN, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. A conversão semiótica: na arte e na cultura. Belém. Edição trilingüe: EDUFPA, 2007.

Manual de orientação de trabalho de conclusão de curso: memorial de formação / Ana Lúcia Ferreira Davim, Ilsa Fernandes de Queiróz, Lorena Gadelha de Freitas Brito, Maria Aparecida da Silva Andrade. – 2. ed. – Natal: IFESP-RN, 2019.

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. O CORPO QUE DANÇA: PESQUISAS EM ETNOCENOLOGIA. Repertório, Salvador, nº 25, p.41-45, 2015.

Repertório, Salvador, ano 20, n.28, p.93-107, 2017.1

TÉRCIO, Daniel. Arquivar performances ou os paradoxos do corpo-arquivo.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mazurca>> Acesso em: 22 Dez 2023



**ANEXOS**

## 8 ANEXO – História Criação do Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho



GRUPO DE TRADIÇÕES MARAJOARA CRUZEIRINHO  
CNPJ- 83.369.280/0001-37  
Soure Ilha de Marajó – Pará

### NOSSA HISTÓRIA

O Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho, fundado em 22 de agosto de 1987, na Cidade de Soure Ilha de Marajó-PA, oriundo das manifestações desportivas de um Grupo de Crianças e Adolescentes, coordenado pela Sra. Amélia Barbosa, em torno do Monumento do Cruzeiro – de onde deriva seu nome. O Grupo é uma Organização não Governamental sem fins lucrativos com o intuito de trabalhar a criança e o jovem visando a sua integração na sociedade através de atividades socioculturais.

Nasceu também das rodas de Carimbó e das batidas compassadas dos grandes Mestres locais. O Grupo, a mais de 30 anos leva Arte, Cultura, Educação e Preservação de um Patrimônio Imaterial, representado pelas danças folclóricas do Marajó, como o Carimbó, o Lundu Marajoara, a Chula, as Toadas de Boi Bumbá e a Mazurca.

A grande preocupação do Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho, é a perpetuação das manifestações culturais de raízes marajoaras e de todas as suas formas de Arte. Para tanto, a organização, há décadas, luta para que esta divulgação seja realizada para além das terras marajoaras, salvaguardando e ressinificando as mais belas manifestações artísticas de um povo lendário, conhecido pela alegria e pelas Tradições Milenares. Em suas apresentações das mais de 13 manifestações folclóricas pesquisadas e catalogadas, em feiras nacionais e internacionais, apresentações no Estado do Pará, no Distrito Federal, Florianópolis e em São Paulo. Além de seus dançarinos, que inspiram gerações no município de Soure e abrem diversas oportunidades sociais para crianças e jovens, o Grupo Cruzeirinho, como é conhecido, trabalha a Educação e Salvaguarda da Cultura Popular.

Também é objetivo do Grupo resgatar, preservar, divulgar e salvaguardar o saber popular do passado das gerações amazônicas, em especial a do Marajó, preservando suas danças e lendas. O Cruzeirinho se apresenta como uma amostra da maneira de viver e de sentir do povo marajoara, traduzindo-se em inúmeros personagens. O colorido dos Trajes, a intensidade e harmonia dos ritmos e instrumentos representam a serenidade do homem do campo, a sabedoria e paciência do pescador ribeirinho, a alegria de viver e a sensualidade dos casais que evoluem com graça. Dessa forma, no painel multicultural do país, o GTM Cruzeirinho, escreve a história da Ilha de Marajó e conta, através dos cânticos, da música e da dança, que apesar dos obstáculos de quem sempre viveu isolado e um pouco esquecido do resto da sociedade, o povo marajoara resiste reafirmando, com orgulho os traços que definem sua personalidade.

O Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho apresenta músicas e danças tradicionais como: CARIMBÓ, Lundu Marajoara, Chula Marajoara, Toadas de Boi Bumbá, Mazurca, Homenagem ao Vaqueiro do Marajó, Lendas e outras. São mais de 13 manifestações folclóricas pesquisadas por sua coordenação e coreografadas por Gilson Sobreiro, Adriana Barbosa e Anamélia Ribeiro.

O GTM Cruzeirinho está preparado para apresentar seus ritmos nos palcos Paraenses e em qualquer lugar do Brasil e do Mundo, levando de Soure um pouco da magia, da beleza e da sensualidade das danças folclóricas do Pará. As músicas executadas pelo Grupo são de compositores da região, descrevendo a história da Ilha por meio do canto, da música, da dança, reafirmando os traços que definem a personalidade do homem do campo e do pescador ribeirinho. O GTM Cruzeirinho já possui três CDs lançados – “No Meu Marajó Tem Tudo” (1998); “Marajó, Ilha Barreira do Mar” (2005), Carimbó, Dança de Rara Beleza (2011). Já se apresentou em diversas cidades do Pará, incluindo a capital Belém e outros Estados como: Brasília (DF), Florianópolis (SC); em São Paulo (SP) representou o Brasil no XII Festival Internacional de Folclore do Brasil Fest in Folk (1998); em Florianópolis (SC) representou o Estado do Pará no I Festival do MERCOSUL e VII Encontro das Nações “ Brasil de Todos os Tons” (2005); em Brasília (DF) participou do 7º Festival Internacional de Bonecos/Brasília 2008. Em 2000 o “Programa Rumos Itaú Cultural Música” selecionou duas Músicas do Grupo para fazer parte da Cartografia Música Brasileira. O Grupo de Tradições Marajoara Cruzeirinho, foi selecionado pelo Ministério do Turismo para representar o Estado do Pará no VI Salão de Turismo em São Paulo Parque de Anhembi , neste período também lá foi convidado para fazer Show no SESC Santana e SESC Santo André (13 a 17/julho/2011) ; EM 2013, o Grupo Participou do Show da Mostra Terruá Pará de Música, no Teatro Margarida Schivasappa em Belém. Através da Secretaria da Cidadania e da Cultura- Ministério da Cultura - Grupo Cruzeirinho marca presença nas comemorações dos 10 anos da Cultura Viva- Complexo Cultural da Funarte 12 de dezembro/2014. Representou a Região Amazônica na Mostra Cultural da 2ª Conferência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (2ª CNATER) Ministério do Desenvolvimento Agrário MDA - de 31 de maio a 03 de junho/2016. FEST FARTURA Estação das Docas Belém PA (27/01/2019). Participa desde o 1º Festival Marajoara de Cultura Amazônica iniciado em Salvaterra/2018. Outros Projetos desenvolvidos pelo Grupo em 2010. Programa Mais Cultura na Escola Raimundo Ramos em Soure/2014; Prêmio Manifestações Culturais/2015; Programa de incentivo à arte e Cultura da Fundação Cultural do Pará. Prêmio Folgedos Juninos Arraial de todos os Santos 2018, 2019, 2021; PARÁ LER - Nossa Festa Literária Casa das Artes Belém-PA 01/11/2019. Em consequência de todo trabalho desenvolvido pelo GTM Cruzeirinho, desde 2010, o Grupo tornou-se Ponto de Cultura, Certificação direta Via Edital Secretaria da Diversidade Cultural MINC.